

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA NA
MODALIDADE A DISTÂNCIA

Andreia Borges Mengue

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TRÊS CACHOEIRAS

2010

Andreia Borges Mengue

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Carmem Zeli de Vargas Gil

Tutora: Alda Glaciela Pereira

TRÊS CACHOEIRAS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

"As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade".

(Vygotsky)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer a todos meus familiares e amigos. Especialmente ao meu esposo Jairo, que com sua paciência e dedicação soube tolerar minha ausência em diversos momentos durante a elaboração deste trabalho de pesquisa. Gostaria de agradecer também seu auxílio na formatação deste documento.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a organização dos espaços da sala de aula na Educação Infantil. Os principais objetivos foram: compreender a importância do espaço físico no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e suas interações e identificar o papel do educador na organização destes espaços. Tais objetivos foram traçados a partir da seguinte questão: “Como o espaço físico interfere no desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil?” Esta questão surgiu da necessidade de transformação de um ambiente pouco desafiador para a turma, aliada aos incentivos da equipe diretiva na busca por novas estratégias e experiências. Com o estágio, modificações foram sendo feitas e meu interesse pelo tema aumentando. O Estágio aconteceu em uma Escola Municipal de Educação Infantil, com uma turma de maternal II composta por treze crianças, em média. Durante a busca por novos conhecimentos sobre o tema, a leitura de alguns autores foi essencial como, por exemplo, Maria da Graça Souza Horn, que afirma que o espaço nunca é neutro carregando consigo significados. Também afirma que, observando as paredes e a organização dos espaços das salas de aulas, podemos deduzir as concepções de criança e de educação que o educador tem. Também utilizo ideias de outros autores como Lina Iglesias Forneiro e Maria Carmen Barbosa, entre outros. Foi realizado um estudo qualitativo, a partir da reflexão sobre os dados construídos na experiência do estágio do Curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre deste ano e de observações realizadas no segundo semestre letivo. Os dados analisados foram os registros no diário de bordo no pbworks do estágio, no blog do portfólio de aprendizagens e no Relatório de Estágio. A partir desta pesquisa observou-se que a organização dos espaços da sala de aula pode fazer muita diferença na interação e aprendizagem das crianças, constituindo-se um importante elemento curricular. O professor organiza o ambiente embasado em suas vivências, concepções de educação e experiência profissional manifestando suas intenções neste ato.

Palavras-chave: 1- Organização de espaços, 2 – Educação Infantil, 3 – Desenvolvimento, 4 – Interação.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 A organização dos espaços na Educação Infantil.....	8
2.1 Educação Infantil: breve contextualização.....	8
2.2 O espaço escolar	10
2.3 Os diferentes significados da organização dos espaços.....	11
3 Um pouco da minha experiência.....	16
3.1 Conhecendo a escola e a turma.....	16
3.2 A sala de aula era assim.....	17
3.3 As primeiras mudanças... novas rotinas.....	20
3.4 Mais mudanças.....	23
3.5 A construção e aquisição de novos materiais.....	25
4 Considerações finais.....	29
Referências.....	31

1 INTRODUÇÃO

Pensar a organização dos espaços da sala de aula na Educação Infantil foi algo que me despertou muito interesse neste ano ao ingressar em uma turma de maternal II em uma sala pouco desafiadora e estimulante.

Meu interesse pelo tema surgiu dessa necessidade de transformação de um ambiente pouco desafiador para a turma, aliada aos incentivos da equipe diretiva na busca por novas estratégias e experiências.

No início do ano nos reunimos algumas vezes para a construção do projeto político pedagógico da escola. Nesses encontros também dialogamos sobre os nossos espaços e possíveis modificações objetivando maior autonomia das crianças. Tivemos a oportunidade de visitar outra escola, acompanhando uma tarde de sua rotina. Era uma escola montessoriana, com uma metodologia diferente, mas que contribuiu de forma significativa na elaboração de novos materiais, pois além de Maria Montessori sempre ter buscado fundamentação teórica na medicina para suas propostas, privilegiava o uso de materiais mais corretos do ponto de vista ecológico, sendo que, muitas vezes, podemos construir novos materiais fazendo reaproveitamento ou adaptando.

A turma também se mostrava agitada demais em alguns momentos de brincadeira livre, isso me estimulou a buscar maiores desafios para as crianças.

O espaço pode ser promotor de educação ou não. Pode transmitir tranquilidade ou provocar agitação. Pode ser cenário de uma educação mais tradicional ou estimular a autonomia das crianças. Quando o espaço da sala de aula é pensado pelo professor, é embasado em suas vivências e concepções de ensino e aprendizagem.

A primeira impressão que temos ao chegar em um novo lugar, se dá principalmente pelos elementos que nele estão presentes. Por isso, tornar a sala de aula um lugar mais agradável, desafiador e favorável a novas interações e aprendizagens se constituiu um desafio para mim.

Neste trabalho busco investigar a importância do espaço físico no desenvolvimento e aprendizagem da criança, bem como as interações entre os

pares e o papel do educador nos espaços oferecidos para a criança.

A escola na qual atuo e realizei esta pesquisa pertence à rede municipal de educação e se localiza num bairro próximo ao centro. A comunidade a qual a escola atende se constitui, na sua maioria, por famílias de baixa renda. Por ser este um município do Litoral, muitas vezes, os pais têm mais oferta de trabalho no verão, sendo esta mais escassa no inverno.

Para esta produção trago contribuições da minha experiência como docente e a tentativa de algumas mudanças na rotina da turma baseada em transformações nos espaços da sala de aula. Para tanto, realizei um estudo qualitativo a partir da reflexão sobre os dados construídos na experiência do estágio do Curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre deste ano e de observações realizadas no segundo semestre letivo. Os dados analisados foram os registros no diário de bordo no pbworks do estágio, no blog do portfólio de aprendizagens e no Relatório de Estágio. O estudo de campo possibilitou a análise mais profunda do ambiente em questão.

Muito já se escreveu sobre a organização dos espaços na Educação Infantil e para embasar melhor o meu trabalho busquei teóricos como Miguel A. Zabalza, Lina I. Forneiro, Maria da Graça Souza Horn, Maria Carmen Silveira Barbosa, entre outros.

Neste trabalho, no primeiro capítulo, primeiramente apresento uma breve contextualização histórica da Educação Infantil no país. Em seguida, trago algumas considerações sobre o tema central apoiadas pelos teóricos já mencionados destacando diferentes elementos constituintes do espaço da sala de aula, bem como implicações de determinadas organizações. No segundo capítulo construí uma reflexão sobre a minha experiência com uma turma de maternal II e o desafio de proporcionar mudanças significativas no espaço da sala de aula.

2 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar.

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

(Forneiro, apud Zabalza, 1998, p.231)

O mesmo espaço pode ser diferente para cada pessoa, pois interpretá-lo dependerá da forma como o sentimos, das lembranças que despertam, dos significados subjetivos. Cada criança, cada adulto se insere em determinado ambiente e o ressignifica.

Neste capítulo trago uma reflexão sobre a organização dos espaços da sala de aula com fundamentação teórica. Primeiramente, faço uma breve análise histórica da Educação Infantil no Brasil, pois com um maior reconhecimento da Educação Infantil, os espaços passaram a ser mais planejados e os profissionais mais bem preparados para tal função. Em seguida, trago algumas considerações sobre o espaço escolar e, após este tópico, abordo os diferentes significados da organização destes espaços.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A Educação Infantil no Brasil passou por diversas mudanças ao longo das últimas décadas assumindo diferentes funções, muitas vezes concomitantemente. Ora assumia uma função predominantemente assistencialista, ora um caráter compensatório e ora um caráter educacional. O documento do Ministério da Educação e Cultura, Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação, faz referência ao tema:

A Educação Infantil, embora tenha mais de um século de história como cuidado e educação extra domiciliar, somente nos últimos anos foi reconhecida como direito da criança, das famílias, como dever do Estado e

como primeira etapa da Educação Básica. (2006, p.7)

A Constituição Federal de 1988 assegura o direito a Educação Infantil, reconhecendo-a como um direito da criança, opção da família e dever do estado, passando a integrar a política nacional da educação deixando de estar vinculada somente a política assistencialista.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a Educação Infantil passa a ser definida como a primeira etapa da educação básica ganhando reconhecimento.

Certamente a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996) foi um marco para a transformação da Educação Infantil, principalmente no que se refere a formação dos profissionais atuantes na área. Ainda estamos num período de transição onde muitos profissionais ainda buscam sua formação acadêmica. Alguns municípios ainda admitem professores sem graduação, outros não aceitam mais o seu ingresso. A escola em que atuo, na qual realizei esta pesquisa, tem um quadro de profissionais com cerca de quarenta professores, sendo estes na sua maioria graduados e muitos pós-graduados. O mesmo documento citado anteriormente, cita a formação docente de atuação nesta etapa da educação:

Essa nova dimensão da Educação Infantil articula-se com a valorização do papel do profissional que atua com a criança de 0 a 6 anos, com exigência de um patamar de habilitação derivado das responsabilidades sociais e educativas que se espera dele. Dessa maneira, a formação de docentes para atuar na Educação Infantil, segundo o art. 62 da LDB, deverá ser realizada em 'nível superior, admitindo-se, como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal'.(2006, p.11)

Uma boa formação dos profissionais que atuam na escola é muito importante, pois possibilita melhores atuações, já que estes têm apoio teórico. Quando os professores entendem e definem, por exemplo, sua concepção de aprendizagem, seu trabalho será realizado de acordo com a mesma, incluindo a rotina da turma, as atividades propostas, a organização dos espaços, enfim, sua proposta de trabalho.

Nos últimos anos, a Educação Infantil ampliou consideravelmente o seu atendimento a nível nacional. Muitas escolas estão sendo construídas, outras adaptadas. Com o intuito de manter um padrão mínimo de qualidade foram feitas algumas normatizações e recomendações, sendo responsabilidade dos municípios autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar, avaliar e fiscalizar o funcionamento

das mesmas.

Por reconhecer a Educação Infantil como direito da criança, o município onde leciono já conta com 9 escolas públicas que atendem esta etapa da Educação Básica. Destas, duas foram recentemente inauguradas e mais uma está em construção.

A ampliação do atendimento na Educação Infantil, seja pela rede pública, seja pela rede privada, tem levantado muitas questões sobre a qualidade e a importância da mesma. Pela sociedade de uma forma geral, muitas vezes, esta etapa da educação foi desvalorizada sendo vista como um espaço apenas de cuidado, desvalorizando, inclusive, a atuação do professor. Mas, aos poucos a Educação Infantil está deixando de ser considerada apenas este espaço onde os pais deixam os filhos enquanto trabalham. Está passando a ser reconhecida pela sua importância no desenvolvimento integral da criança. A procura pela escola não acontece mais apenas pela necessidade profissional dos pais, mas porque estes percebem as inúmeras vantagens da inserção das crianças neste espaço.

2.2 O ESPAÇO ESCOLAR

As produções referentes a esse tema utilizam dois termos muito próximos: espaço e ambiente. Forneiro (1998) faz distinção, sendo que o primeiro se refere aos locais onde as atividades são realizadas com objetos, móveis, decoração, materiais... Já o termo ambiente faz referência a esse espaço e as relações que nele se estabelecem. Portanto, neste trabalho os dois termos serão utilizados, pois trataremos da questão física, mas também das relações que nela acontecem, foco deste trabalho.

O ambiente escolar pode ser visto por diferentes dimensões. Forneiro (1998) analisa o ambiente do ponto de vista escolar como uma estrutura com quatro dimensões. A dimensão física refere-se ao aspecto material do ambiente e suas estruturas (dimensões, janelas...) bem como mobiliários e materiais que compõem o espaço. A dimensão funcional tem a ver com a utilização destes espaços, ou seja, o mesmo canto pode ora ser cenário de uma brincadeira de uma casinha, ora se transformar em um espaço para ler e descansar. A dimensão temporal está

relacionada a rotina da turma e as diferentes atividades, pois se refere ao tempo dedicado a cada 'tarefa' e sua ordem, bem como o ritmo de sua realização. A dimensão relacional está ligada às relações que acontecem em determinado espaço e a forma como elas acontecem (livres ou orientadas).

O ambiente, diferente do espaço, não é algo estático. Ele acontece na inter-relação das diferentes dimensões. Por isso, ele existe à medida que os elementos que o compõem interagem entre si. Dessa forma, cada pessoa pode perceber o ambiente de uma maneira diferente, a medida que cada um pode dar mais atenção a uma dimensão específica. Ou seja, enquanto uma pessoa se envolve mais com a a dimensão relacional pode interagir com o ambiente de uma forma diferente daquela que está mais atenta a dimensão física.

Quando um pai, por exemplo, entra pela primeira vez em uma sala de aula de Educação Infantil, sua reação pode ser de observação do espaço e dos materiais expressando-se assim: “olha que mesinha pequenina”. Neste momento, ele está observando um elemento físico do espaço e não o ambiente. Por outro lado, em outro dia, ele pode observar seu filho brincando na mesma mesa. Nessa situação, ele estará percebendo o ambiente. Uma criança que chega na sala de aula pode ficar encantada com a sala e sua composição ou perceber mais as relações que estão acontecendo naquele ambiente. Dessas impressões dependerá as suas próprias interações com o ambiente e com o grupo.

2.3 OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Um projeto de construção de uma escola deveria ser elaborado por um grupo de pessoas de diferentes áreas unidas em prol do mesmo, pensando e repensando os espaços de forma a atender as necessidades do público ao qual atenderá. Professores e representantes da comunidade deveriam participar junto aos arquitetos deste planejamento, pois são eles que farão uso do prédio. O tamanho de uma sala, por exemplo, pode limitar a criação de cantos temáticos. Pias altas demais dificultam o seu uso, impossibilitando, muitas vezes, a criança de usá-la.

Dessa forma, as ideias educativas constituintes de uma escola já começam a

aparecer desde o seu planejamento de construção. A compra de mobiliário e materiais pedagógicos também direcionam o trabalho. Com isso, podemos perceber que são muitos os aspectos que direcionam determinada atuação do professor, porém suas opções dentro da sala mostrarão melhor suas concepções, sua autonomia na administração deste espaço.

Ao pensar a organização de uma sala de aula, o profissional da educação já deve ter claro sua proposta de trabalho, sendo esta mais dirigida, mais livre ou alternando de uma para a outra. Dependendo da intenção, a organização pode ser diferente, possibilitando mais movimento ou inibindo-o, facilitando a interação ou priorizando um trabalho mais individualizado. A organização em cantos, oficinas ou centros de interesse também condicionarão as disposições dos elementos da sala no espaço disponível. É claro que, antes de mais nada, é preciso pensar o espaço para uma turma específica, planejando as disposições e ofertas de materiais em coerência com a idade e as peculiaridades do grupo. O Referencial Curricular da Educação Infantil, aborda o tema:

A organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso. (1998, p.32)

A Educação Infantil de uma forma geral, precisa de espaços e mobílias adequados ao tamanho das crianças. Porém, nem sempre a mobília adequada a uma turma de pré é adequada às demais turmas. Enquanto uma estante para a primeira turma pode ser mais alta, para uma turma de maternal deve ser um pouco mais baixa possibilitando a visão, ou então, não usar a parte superior. Da mesma forma, uma turma de maternal tem necessidades diferentes de uma turma de pré em relação a espaços individuais, coletivos, de brincadeira, de descanso... Tudo isso deve ser considerado pelo professor ao planejar o seu espaço.

Do ponto de vista estrutural, é preciso considerar, primeiramente, o espaço disponível composto pelo tamanho da sala, pela sua iluminação, pela circulação de ar, pelo tipo de piso, pela presença ou não de banheiro ou pia na sala, se existem armários fixos, etc. Depois, pode-se pensar sobre o mobiliário disponível de acordo

com a intenção de trabalho.

Se o espaço for pequeno, é importante que os móveis sejam versáteis, possibilitando mudanças rápidas para diferentes atividades. Estes também não devem preencher demasiadamente a sala, de forma a impossibilitar essa versatilidade. A mobília deve ser adequada ao tamanho das crianças, com cadeiras e mesas pequenas, bem como prateleiras que não ultrapassem a sua altura. Se houver pia, esta também deve ser baixa de forma a estimular a autonomia das crianças no seu uso, assim como nos demais espaços. Sobre isso, o referencial já citado, aponta que:

Outro ponto importante a ser ressaltado diz respeito à disposição e organização dos materiais, uma vez que isso pode ser decisivo no uso que as crianças venham a fazer deles. Os brinquedos e demais materiais precisam estar dispostos de forma acessível às crianças, permitindo seu uso autônomo, sua visibilidade, bem como uma organização que possibilite identificar os critérios de ordenação.

É preciso que, em todas as salas, exista mobiliário adequado ao tamanho das crianças para que estas disponham permanentemente de materiais para seu uso espontâneo ou em atividades dirigidas. (1998, p.39)

Em relação aos materiais escolhidos para a sala, é importante considerar alguns aspectos. A quantidade ofertada não precisa ser muito grande, mas ser suficiente para o grupo de crianças. Estes materiais precisam despertar o interesse das crianças, constituindo desafios constantes a suas percepções e construções individuais e coletivas. Uma ideia interessante, é depois de algum tempo, trocar alguns materiais com outras turmas renovando partes do espaço, desde que sejam adequados a faixa etária. Também é preciso tomar cuidado com a segurança, não oferecendo risco às crianças. Sobre a qualidade e segurança dos materiais, o referencial, já citado, traz considerações importantes:

Para as crianças circularem com independência no espaço, é necessário um bom planejamento que garanta as condições de segurança necessárias. É imprescindível o uso de materiais resistentes, de boa qualidade e testados pelo mercado, como vidros e espelhos resistentes, materiais elétricos e hidráulicos de comprovada eficácia e durabilidade. É necessária, também, proteção adequada em situações onde exista possibilidade de risco, como escadas, varandas, janelas, acesso ao exterior, etc. Os brinquedos devem ser seguros (seguindo as normas do Inmetro), laváveis e necessitam estar em boas condições. (1998, p.40)

A organização destes materiais deve favorecer a autonomia das crianças durante o seu uso. Também pode facilitar ou dificultar a interação entre as crianças.

Em todos estes aspectos se mostram as intenções do educador.

A forma como uma pessoa organiza um determinado espaço carrega consigo significados, vivências, concepções. Uma observação atenta do espaço escolar pode revelar muitas das concepções das pessoas que o organizaram. A forma como são dispostos os materiais numa sala de aula pode se mostrar desafiadora à criança ou não. Este sempre transmitirá uma mensagem, provocará uma reação. Sobre isso, Maria da Graça Souza Horn, nos diz:

(...) o espaço nunca é neutro, pois carrega sua configuração, como território e lugar, signos e símbolos que o habitam. Na realidade, o espaço é rico em significados, podendo ser 'lido' em suas representações, mostrando a cultura em que está inserido através de ritos sociais, de colocação e de uso de objetos, de relações interpessoais etc. Por meio da leitura 'das paredes e da organização dos espaços' das salas de aula de instituições de Educação Infantil, é possível depreender que concepção de criança e de educação, o educador tem. (2004, p.37)

O professor precisa ser muito observador e refletir sobre sua prática ao repensar um espaço ofertado a turma. É preciso considerar se os objetivos pedagógicos estão sendo alcançados da forma como estão dispostos os diferentes elementos da sala ou se é necessária uma reorganização. A nova organização pode não se mostrar adequada, mas é importante que diferentes situações sejam pensadas e vividas visando alcançar as metas traçadas. Se não der certo uma vez, é preciso tentar novamente, pois o erro faz parte das nossas construções.

Considerar a organização dos espaços como fator curricular importante nas trocas e aprendizagens, incentivando a progressiva autonomia das crianças não desvaloriza a atuação do professor. Este não deve ser visto como a figura central do processo ensino aprendizagem, mas como alguém que permite interações e aprendizagens de forma lúdica, e que, por vezes conduza esta aprendizagem. Horn complementa:

O fato de a professora organizar os espaços de modo a instigar a autonomia moral e intelectual das crianças [...] valoriza e ressalta a participação das crianças, reafirmando que elas são capazes, de modo bastante autônomo, e extrai significados de suas experiências cotidianas [...] Assim, o papel principal dos adultos é o de ativar, de um modo indireto, a competência das crianças de extrair significados que abrasarão suas aprendizagens. (2004, p.101)

A postura do professor, perante o seu espaço e a sua proposta, é formada ao

longo da sua vida, de suas vivências, das suas concepções de ensino, de sua formação, bem como da sua experiência profissional.

A aprendizagem e a interação das crianças acontecerá de acordo como cada um perceberá o ambiente e reagirá ao mesmo. BARBOSA aponta que:

(...) o espaço físico opera favorecendo ou não a construção das estruturas cognitivas e subjetivas das crianças. Ao mesmo tempo, impõe limites ou abre espaço para a imaginação dos adultos que criam ambientes (com auxílio das crianças) ricos e desafiantes, onde todos tenham a possibilidade de ter vivências e experiências diferenciadas, ampliando suas capacidades de aprender, de expressar seus sentimentos e pensamentos. A disponibilidade de ambientes variados e a variação dentro de um mesmo ambiente ampliam o universo cultural e conceitual das crianças. As rotinas diversificam-se em espaço mais complexos. (2006, p. 135)

De acordo com o pensamento da autora o espaço físico é um aspecto muito relevante no que se refere as ações individuais e grupais de uma determinada turma. Pode favorecer ou não novas aprendizagens. Com as informações trazidas até aqui e meu estudo de campo, posso dizer que concordo plenamente com a autora, pois também considero a organização dos espaços, essencial ao trabalho do professor.

3 UM POUCO DA MINHA EXPERIÊNCIA

Neste capítulo abordo a temática da organização dos espaços em uma sala de aula de maternal II. Uma sala que foi sendo modificada ao longo do ano com o acréscimo de novos materiais. Apresento o relato de situações observadas diante de pequenas transformações, mas que provocam mudanças no comportamento e mais reflexões sobre a prática.

Primeiramente faço uma breve apresentação da escola e da turma abordando um pouco do seu funcionamento e expondo seu contexto social. Em seguida, começo a contar um pouco da minha experiência neste ano em relação à organização dos espaços e a busca por novas construções e elaborações.

3.1 CONHECENDO A ESCOLA E A TURMA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Educação Infantil. Atuo nesta escola, no turno da tarde, desde sua inauguração em maio de 2008. Nesta instituição já trabalhei com turmas de maternal I (2 a 3 anos), berçário (6 meses a 2 anos) e neste ano sou professora de uma turma de maternal II (3 a 4 anos) na qual realizei o estágio curricular no primeiro semestre. Trabalho nesta escola no turno da tarde, entre às 13 e 17 horas, horário de funcionamento do turno.

A escola atende cerca de 260 crianças entre seis meses e 6 anos, com turmas de berçário, maternal I e II e pré I e II. Apenas berçário e maternal I são atendidos em turno integral, das 8 às 17 horas. As crianças das demais turmas optam por manhã ou tarde. BARBOSA (2006) aponta que *“A importância do espaço na educação das crianças pequenas é ampliada quando se leva em consideração que a jornada diária nesses lugares é, muitas vezes, equivalente ao seu horário de vigília.”*

No turno da tarde as crianças recebem duas refeições: café e janta, que são servidas no refeitório, sendo estas de responsabilidade do município.

A grande maioria dos professores desta escola, assim como eu, ingressou no

município nesta data através de concurso público realizado alguns meses antes. A direção atual foi eleita pela comunidade escolar no final de 2008 assumindo seu posto em janeiro de 2009. Desde então, tem se mostrado comprometida, companheira, inovadora e aberta a críticas e sugestões.

A turma, na qual foi feita a pesquisa tem, além da professora titular, uma professora itinerante que substitui a primeira no seu dia de hora atividade que acontece uma vez por semana.

Como o prédio foi construído para ser uma escola de Educação Infantil, alguns cuidados foram tomados, seguindo orientações nacionais, como ter um amplo corredor, espaços iluminados, tomadas mais altas, salas mais adequadas, janelas mais baixas possibilitando visualizarem a rua, banheiro adaptado às crianças, um pátio espaçoso...

Está localizada em um bairro próximo ao centro - cerca de 4 Km -, atendendo a uma população carente em sua maioria.

A turma do maternal II B pode atender até quinze crianças, sendo que atualmente é composta por treze crianças, sendo seis meninas sete meninos. A sala tem vinte e cinco metros quadrados, no chão há piso de cerâmica e tem duas janelas de onde as crianças visualizam a rua, além de mais três janelas altas na parede oposta que dão para o corredor.

3.2 A SALA DE AULA ERA ASSIM...

Antes de iniciarmos o ano letivo tivemos uma tarde para organização da sala de aula, sendo que a mesma havia sido usada até o momento pelo “projeto verão”. Este acontece durante os verões e atende às crianças da Educação Infantil em turno integral com horário mais estendido que o habitual (das 7:30 às 18:30). Dessa forma, tivemos acesso à sala apenas um dia antes de iniciar as aulas. Eu e a professora do outro turno já havíamos conversado anteriormente e neste dia combinamos algumas coisas sobre o nosso espaço como organização, decoração, exposição de trabalhos, brinquedos e materiais... Limpamos o espaço e a disposição dos móveis ficou conforme a ilustração 1, como era no ano anterior.

A nossa sala estava organizada da seguinte forma no início do ano letivo:

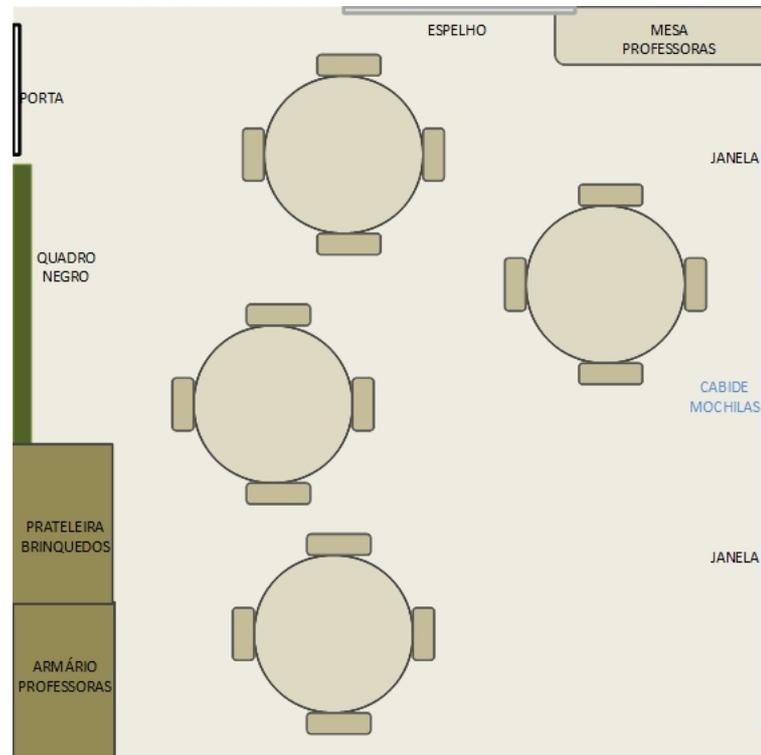


Ilustração 1: Organização inicial dos espaços da sala de aula

As mesas e cadeiras são adequadas ao tamanho das crianças, sendo que estas fazem uso das mesmas com facilidade devido ao seu tamanho e peso. Sob as janelas há um grande cabideiro para as mochilas. O nosso espelho também era muito bom, bem amplo. Na parede vazia a outra professora sugeriu a colocação de um painel que ela tinha, pois a parede precisava ser forrada já que estava descascada em partes. Neste painel seria destacado o ajudante do dia e os aniversariantes. Não tínhamos um tapete, mas havia o espaço da roda e da brincadeira. Ao lado da porta, havia um quadro-negro para as crianças desenharem, e ao lado deste, uma prateleira, sendo que as crianças tinham acesso aos três níveis mais baixos. Nesta prateleira havia uma caixa grande com diversos brinquedos misturados, destes, muitos estavam danificados ou incompletos. Havia também vários animais de pelúcia e bonecas de pano e de plástico.

Muitas coisas precisavam ser melhoradas. Sabemos que é importante ter uma boa oferta de material, em variedade e quantidade. Porém, muitas vezes, a realidade não é esta. Então, deve-se tentar fazer o melhor possível com o que se tem e partir em busca das necessidades para supri-las aos poucos. Foi isso o que

fizemos.

No momento inicial, considerei que não seriam necessárias as quatro mesas, mas deixei assim para testar e observar o seu uso com as crianças. Combinamos de adicionar elementos na sala aos poucos, caracterizando-a com a participação das crianças. Também planejamos um expositor de trabalhos.

Basicamente, deixamos o espaço organizado de forma que fosse possível fazer tanto atividades livres no chão e nas mesas, como atividades dirigidas em grupo ou com toda a turma em alguns momentos. Nossa intenção era de deixar a sala aconchegante para as crianças, favorecendo interações entre elas, pois estariam se conhecendo. Tínhamos consciência de que precisaríamos modificar algumas coisas nos dias subsequentes, como organizar melhor o material que dispúnhamos no momento e preparar nomes e fotos para caracterizar a sala aos poucos. Uma sala de aula precisa ser atrativa para as crianças desafiando-as cognitivamente, por isso começamos a pensar estratégias para enriquecer nosso ambiente de convívio. Sobre isso, Horn afirma que:

Quando a forma como dispomos materiais e jogos é empobrecida e não desafia cognitivamente as crianças, perde-se a oportunidade de, através dessas interações e, como consequência, das brincadeiras que se criam, proporcionar a construção de conhecimentos. (2004, p.55)

Como a primeira semana de adaptação as crianças ficavam somente até às 15 horas, no restante da tarde, o tempo era usado para melhorias, registros, leitura das entrevistas das crianças, planejamento conjunto...

A maior parte do grupo interagia bem nas brincadeiras livres e se mostrava bem criativa, até o momento de guardar. Logo na primeira semana, a organização dos brinquedos começou a me incomodar. Como poderia incentivar a autonomia das crianças ao pegar e guardar determinado brinquedo se não havia separações entre eles? Algumas crianças auxiliavam no momento de guardar, outras não. Este fato é normal, afinal as crianças estão ingressando na escola e trazem consigo seus próprios costumes, porém a escola deve favorecer o desenvolvimento da autonomia e o espírito de cooperação. Nesse sentido, a atual organização do espaço (mais especificamente, do material disponível) no qual esse grupo de crianças estava inserido não era coerente com estes objetivos da Educação Infantil. Percebendo isso, logo nos primeiros dias providenciamos, provisoriamente, caixas de papelão

para dividir os brinquedos.

De acordo com anotação que fiz no diário de campo na semana de adaptação:

“Tive dificuldades com o banheiro que é longe e alguns não vão sozinhos”.

Nestes primeiros dias e semanas, algo que senti muita falta em relação a organização do espaço, no sentido estrutural, foi o banheiro. Como não temos um na sala, as crianças utilizam o banheiro coletivo na outra ponta do corredor. Inicialmente isso foi bem complicado, pois algumas crianças não estavam acostumadas a utilizar o banheiro sozinhas e eu era a única professora na sala, o que me impossibilitava de ficar saindo para acompanhá-los.

Observei que as brincadeiras eram bem espaçosas e a formação da roda era difícil sem a delimitação do tapete, pois as crianças estavam construindo a noção de espaço e forma. Então intensificamos a nossa busca por um tapete.

Na reunião com os pais, entre outros assuntos, pedimos auxílio a quem quisesse ajudar contribuindo, principalmente, com a doação de algum brinquedo ou jogo adequado a faixa etária.

As crianças estavam se mostrando mais agitadas durante as brincadeiras livres, o que começou a me alertar sobre a necessidade de mudanças com certa urgência.

Conseguimos um tapete para a sala e, com a direção da escola, três estantes adequadas ao tamanho das crianças. Ainda não tínhamos material para preenchê-las, mas continuamos em busca. Pensei em utilizá-las para delimitar alguns espaços ou cantos e ir construindo-os aos poucos, porém a sala é compartilhada com outra professora e nem sempre temos os mesmos interesses e ideais, então foram dispostas ao fundo da sala.

3.3 AS PRIMEIRAS MUDANÇAS... NOVAS ROTINAS

Depois de algumas mudanças, a sala começava a se transformar, como mostra a ilustração abaixo:

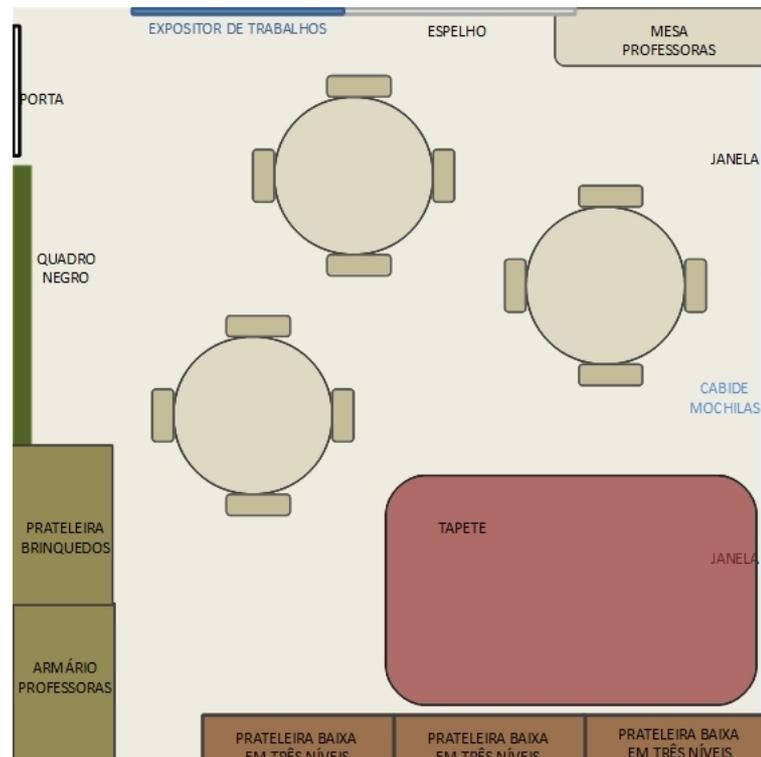


Ilustração 2: Segundo retrato da organização dos espaços da sala de aula

Com o tapete, o momento da roda ganhou mais orientação, assim como durante as brincadeiras livres, as crianças se concentravam mais num determinado espaço. Inicialmente, a concentração das crianças, junto as estantes, era muito forte dificultando o acesso das demais crianças aos materiais. Observando isso, afastei um pouco o tapete da estante e busquei orientá-los a brincar sobre o mesmo e não no piso frio. Aos poucos, as crianças aderiram a essa ideia. Com isso, a movimentação e exploração daquele espaço tornou-se mais fácil.

As crianças desta idade estão desenvolvendo a noção de espaço, por isso a delimitação do tapete coletivo cumpre um papel organizador tanto no momento da roda coletiva, quanto no momento da brincadeira livre. Como visto no capítulo anterior, o professor deve ter um olhar muito observador e refletir sobre sua prática ao repensar um espaço ofertado a turma, seja considerando pequenas modificações ou grandes mudanças.

Além do tapete e das novas estantes/prateleiras a sala estava ganhando caracterização da própria turma com fotos/nomes nos cabides de mochilas, na chamada concreta, no painel de aniversariantes e no expositor de trabalhos. Estas

caracterizações ajudam as crianças a se apropriarem mais do espaço considerando-se um ser constituinte do ambiente.

Ao longo das semanas recebemos algumas contribuições dos pais, adquirimos alguns materiais e brinquedos e os adicionamos ao ambiente de convívio. Também providenciei alguns recipientes mais resistentes como caixas de 'MDF' e cestos plásticos (mais acessíveis), pois como descrito no capítulo anterior é preciso ter cuidado com a segurança, a qualidade e a procedência dos materiais ofertados. No meu diário de campo consta:

“Nesta semana a professora da manhã e eu trouxemos materiais e brinquedos novos para a sala, o que deixou o momento do brinquedo livre mais rico para exploração e interação da turma.” (Diário, 21/05/2010)

No mesmo diário, em outro momento consta o seguinte registro:

“Estamos inserindo novos materiais na sala para enriquecer nosso trabalho, inclusive nos momentos de atividade livre. Nesta semana, adicionei alguns potinhos pequenos com pedrinhas coloridas e outro com dados. Isso chamou muito a atenção das crianças. Estas poderão ser classificadas, ordenadas, relacionadas a cor dos potes, utilizadas para representar algo...”

Algumas mudanças na escola também estavam sendo feitas em relação aos ambientes. Neste sentido, uma sala com diversos recursos, que era usada por todas as turmas, foi desativada e seus materiais distribuídos para as salas de aula. Recebemos alguns destes materiais como quebra-cabeças, blocos lógicos, brinquedos de montar, entre outros.

Mais adiante no diário de campo consta o seguinte comentário:

“A introdução de novos materiais e brinquedos atraiu bastante a atenção das crianças, mas também despertou uma certa competição, rivalidade.” (Diário, 27/05/2010)

Inicialmente as crianças se mostraram mais agitadas com os novos materiais, pois todos queriam 'experimentar' o novo. Isso mostra a importância de substituições periódicas dos materiais, brinquedos e jogos pedagógicos. Aos poucos, notei que a agitação foi diminuindo e a concentração nas atividades foi ficando mais longa possibilitando novas construções.

A turma encontra-se numa fase de desenvolvimento, na qual a presença do

outro é muito importante. Por isso, as brincadeiras experimentadas são essencialmente grupais. A busca por parcerias tem se destacado muito e a escolha das brincadeiras depende do interesse do grupo, sendo que algumas opiniões e interesses se destacam, já aparecendo as lideranças.

Ressalto aqui a abordagem sócio-interacionista de Vygotsky, na qual a criança aprende na interação com outras crianças, em um meio social. Para o autor, o conhecimento tem gênese nas relações sociais. Acreditando nisso, a organização do espaço da sala de aula, bem como as relações que nela acontecem são fundamentais no desenvolvimento infantil. Por pensar dessa forma é que buscamos as transformações já descritas e outras mais.

3.4 MAIS MUDANÇAS...

A partir de outubro, nossa sala de aula se encontra organizada basicamente desta forma:

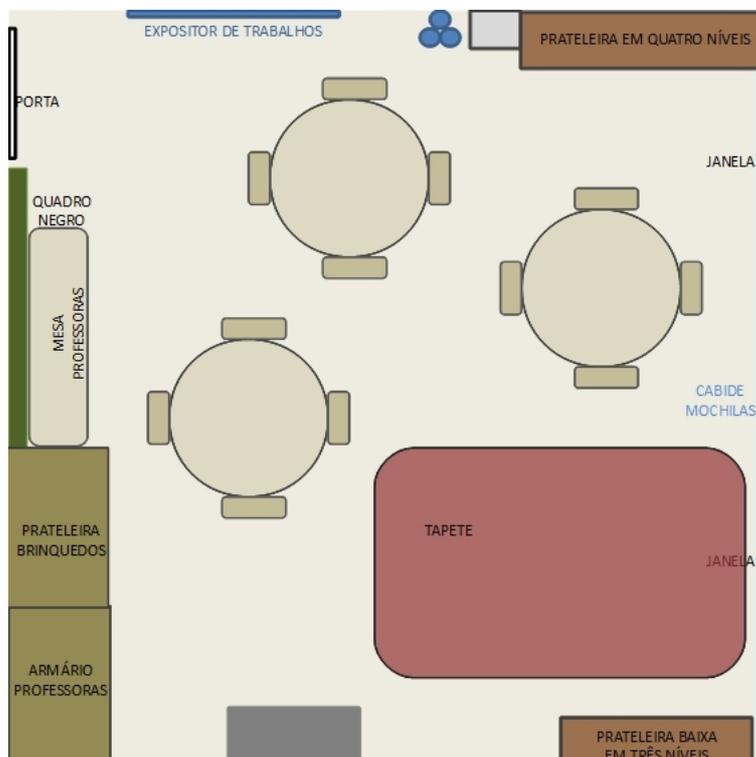


Ilustração 3: Último retrato da organização dos espaços da sala de aula

Outras mudanças mais significativas tornaram a acontecer. Algumas boas, outras nem tanto. Nosso espelho foi quebrado durante uma brincadeira e tivemos que retirá-lo da sala e até hoje aguardamos seu retorno. Das três estantes baixas que tínhamos na sala, tivemos que ceder duas, pois haviam sido emprestadas de outra sala que não estava em funcionamento. Com isso, tive que reduzir a oferta de alguns materiais alternando esta oferta entre as semanas.

A quebra do espelho durante a brincadeira remete ao que foi exposto no capítulo anterior em relação à segurança dos materiais utilizados na sala onde vimos que *“é imprescindível o uso de materiais resistentes, de boa qualidade e testados pelo mercado, como vidros e espelhos resistentes(...)”*

Em outubro conseguimos outra estante, um pouco mais alta, então trouxemos novos elementos para a sala. Esta estante não foi feita especialmente para a faixa etária (conforme primeira citação da página 13), mas nem sempre temos acesso ao que seria ideal. Alguns materiais que foram confeccionados, junto a outros que já estavam na sala, ocuparam este espaço. A mesa das professoras trocou de lugar ficando na frente do quadro-negro e dando espaço a nova estante, conforme podemos visualizar na ilustração 3.

Convém lembrar que, como vimos no capítulo anterior, a organização da sala pode sofrer transformações de acordo com as atividades realizadas. Os móveis podem ser facilmente modificados para determinada atividade. Por exemplo, a mesa das professoras encontra-se em frente ao quadro-negro. Para a utilização do mesmo pelas crianças basta inverter a mesa provisoriamente.

Montamos um cantinho das bonecas ao lado da nova prateleira. Este conta com diversas bonecas e animais de pelúcia, bem como almofadas para que as crianças se acomodem. Os brinquedos de casinha, muitas vezes são inseridos neste espaço pelas crianças durante as brincadeiras. Foi adicionado também um colchão do outro lado da sala que pode ser usado para descansar ou brincar.

Acredito que estas mudanças estão sendo significativas para as crianças, possibilitando-lhes novas construções. Esta última organização dos espaços da nossa sala trouxe novas possibilidades com mais cantos de brincadeiras na sala. Isso favoreceu a interação em pequenos grupos deixando a turma menos agitada nestes momentos.

Abaixo trago algumas imagens que ilustram melhor o exposto aqui:



Ilustração 4: Sala de aula: mudanças mais recentes



Ilustração 5: Sala de aula: mudanças mais recentes



Ilustração 6: Sala de aula: mudanças mais recentes



Ilustração 7: Sala de aula: mudanças mais recentes

3.5 A CONSTRUÇÃO E AQUISIÇÃO DE NOVOS MATERIAIS

Trago aqui algumas conquistas em relação aos nossos espaços. A construção e aquisição de novos materiais se constitui fator importante na organização dos espaços, pois é, também, a partir destes que as interações e aprendizagens se originarão.

Certamente, eu como professora, gostaria de ter muitos materiais e brinquedos para enriquecer a sala e a interação e aprendizagem das crianças. Porém, por ser uma escola pública, existem muitas burocracias para aquisição de novos recursos na escola e nem sempre é viável. Buscando outros caminhos, conseguimos, aos poucos, transformar nosso espaço. Alguns pais ajudaram

contribuindo com doações e, como colocado anteriormente, ganhamos alguns materiais que foram redistribuídos dentro da própria escola. Os progressos começavam a ficar cada vez mais visíveis, o caminho estava sendo traçado, mas as transformações no espaço e na oferta de materiais deve se constituir uma busca constante.

Alguns materiais foram confeccionados e outros comprei. A escolha destes materiais se deu em função de algumas necessidades da turma almejando diferentes interações e construções individuais e coletivas. Estas elaborações e confecções levam algum tempo para se concretizarem, demandam um custo financeiro, mas o retorno é muito bom, pois sua utilização é muito relevante.

Abaixo trago ilustrações de alguns materiais adquiridos e/ou confeccionados neste ano:



Ilustração 8: Expositor de trabalhos da turma

Este expositor aliado a chamada concreta provocou o interesse de muitas crianças pelo reconhecimento do nome. Em decorrência disso, preparei cartões com os nomes de cada um que ficava a disposição da turma. Estes, foram muito utilizados para imitar a chamada concreta em pequenos grupos e, também, para identificar os nomes comparando-os aos do expositor na hora da brincadeira livre. É importante ressaltar que este expositor fica ao alcance das crianças, possibilitando-lhes, além de uma visão e exploração bem acessível, fazer uso do mesmo organizando suas próprias produções. Hoje, já no final do ano, a maioria das crianças identifica os nomes de todos os colegas, sendo que alguns também escrevem.

As figuras seguintes apresentam o conteúdo da nova estante. Como não temos cantos propriamente ditos, procurei fazer uma organização funcional, sendo

que na prateleira de cima estão os materiais relacionados a área da linguagem, com revistas, cartões com nomes das crianças, letras ásperas, caixa de areia e dois alfabetos móveis de diferentes composições. No nível abaixo, alguns materiais que visam, principalmente, o desenvolvimento da motricidade fina. Há 'quadros de engates' com zíper, botões, e colchetes que representam funções cotidianas como fechar um casaco. Além da motricidade, está sendo incentivado o desenvolvimento da autonomia.



Ilustração 9: Nova estante, novos materiais



Ilustração 10: Nova estante, novos materiais

Ao lado há um quadro com linhas diversas e garrafas com areia e funil. O uso de determinado material pode favorecer diferentes construções de acordo com cada criança, pois pode-se atribuir diferentes significados ao mesmo objeto. A utilização dos materiais ocorre conforme o interesse das crianças, ocorrendo intervenções em alguns momentos, pois o professor também interage com a criança fazendo provocações, incitando e desestabilizando conceitos já adquiridos. Quando necessário, o professor também convida uma criança para explorar determinado material durante as atividades individuais ou grupais livres.



Ilustração 11: Nova estante, parte inferior



Ilustração 12: Nova estante, parte inferior

Na parte mais de baixo desta mesma estante, conforme mostram as ilustrações 11 e 12, há brinquedos de 'casinha', como utensílios de cozinha (louças, de plástico e porcelana, panelinhas, potes de cozinha), frutas e legumes em miniatura. Também há uma bandeja com brinquedos de cuidados pessoais com secador, pente, escova, chapinha, espelho... Estes materiais são utilizados nas mesas, no tapete ou no cantinho das bonecas e as brincadeiras de faz-de-conta que surgem com eles são muito ricas, permitindo às crianças representarem a realidade, ressignificando-a. Norma Lucia Neris de Queiroz, traz uma visão de Vygotsky sobre a brincadeira do faz-de-conta:

Para Vygotsky (1998), a brincadeira de faz-de-conta cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois no momento que a criança representa um objeto por outro, ela passa a se relacionar com o significado a ele atribuído, e não mais com ele em si. Assim, a atividade de brincar pode ajudar a passar de ações concretas com objetos para ações com outros significados, possibilitando avançar em direção ao pensamento abstrato. (2006, p.175)

A brincadeira do faz-de-conta pode ser bastante complexa. Através dela, as crianças podem reviver situações diversas que lhes provocaram sentimentos como ansiedade, medo, alegria, tristeza, raiva expressando-se e trabalhando estas emoções. Com o faz-de-conta a criança busca entender situações vividas explorando diferentes representações.

Em relação à função do professor, Queiroz (2006) afirma que “Cabe ao professor, como adulto mais experiente, estimular brincadeiras, ordenar o espaço interno e externo da escola, facilitar a disposição dos brinquedos, mobiliário, e os demais elementos da sala de aula.” Essa visão reafirma as ideias trazidas aqui até este momento, onde o espaço desempenha um papel fundamental na interação e desenvolvimento das crianças.

Sabemos que o espaço nunca é neutro, por isso procuramos trazer elementos que favoreçam os objetivos propostos ao longo do ano. O espaço formado até o momento foi uma construção do grupo de pessoas que convivem na sala. Este é um processo que continua em construção onde buscamos aumentar a interação e aprendizagem entre as crianças em diversos momentos da rotina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa discutiu a organização dos espaços da sala de aula na Educação Infantil abordando e transformação dos espaços de uma sala de maternal II de uma escola municipal.

Para contemplar o que foi proposto, trouxe um pouco da experiência vivida neste ano na docência de uma turma de maternal II.

Se a primeira impressão que temos de um lugar acontece de acordo com os elementos presentes e sua disposição, e disso, dependerá nossas relações, o ambiente de convívio de uma sala de aula deve ser bem planejado. Este, precisa possibilitar ações e interações de acordo com os objetivos de seu organizador. Se os objetivos não estão sendo alcançados, é preciso observar, refletir e repensar a organização.

Sabemos que alguns fatores são determinantes já na construção do prédio, como por exemplo, o tamanho da sala, a iluminação, a ventilação, o tipo de piso, a localização do banheiro e demais dependências da escola em relação à sala. Por isso, professores deveriam fazer parte dos projetos de planejamento de uma escola. Estes fatores estruturais limitam algumas organizações, bem como o mobiliário disponível e sua versatilidade.

Sabemos também, que nem sempre temos acesso ao que seria mais adequado na composição do espaço da sala, sendo que algumas coisas precisam ser adaptadas. Muitas vezes, é preciso buscar auxílio com os pais, quando estes podem contribuir e se mostram dispostos a colaborar.

Por isso, é preciso utilizar os elementos disponíveis e estar sempre em busca de aperfeiçoamentos.

A reflexão sobre a minha experiência deste ano, tendo um olhar especial aos espaços da sala de aula e as interações e aprendizagens das crianças, me faz acreditar que o ambiente pode fazer muita diferença nessas relações e construções individuais e coletivas. Com pequenas mudanças de organização e oferta de materiais ao longo do ano, percebi mudanças de comportamento nas crianças. O cantinho com brinquedos de casinha foi um dos mais procurados nas últimas

semanas. Muitas interações acontecem nesse espaço revelando angustias, frustrações e alegrias das crianças. Dessa forma, como professora posso observar melhor estas interações e interferir nos momentos apropriados, auxiliando o desenvolvimento do grupo. Percebi maior tempo de concentração em algumas brincadeiras, diminuindo a agitação na sala. Essas observações se tornaram possíveis devido a pequenas mudanças. Isso reforça o que foi trazido ao longo deste trabalho que considera a organização dos espaços da sala de aula fundamental para o planejamento docente.

Conseguimos introduzir algumas mudanças significativas nos espaços. Sei que podemos fazer ainda melhor, mas este é processo de construção também do professor.

Acredito que a criança aprende na interação, sendo um ser social. Pensando assim, minhas buscas e transformações nos espaços sempre consideravam este fato favorecendo trocas entre as crianças. Tornar o ambiente desafiador cognitivamente e promotor de interações é uma busca constante. O espaço precisa ser transformado de acordo com as novas construções e necessidades do grupo, pois se constitui um importante elemento curricular.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília : MEC, SEB, 2006. 32 p.

_____.Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Documento Introdutório ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. IN: ZABALZA, M. Qualidade na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia, 2006, 16(34), 169-179. <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/34.htm>